



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Proprietária—Casa do Galato do Pôrto—Povo do Sousa

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 626—Pôrto

Vales do Correio para Cete

Notícias do Lar

Vem hoje a público outro crónica por estar ausente, no campo das manobras, o nosso Maioral. Já não é a primeira vez que a vida militar nos rouba o chefe — o que nos trás sempre certo transtorno — mas, a Pátria acima de tudo.

Automaticamente assumiu as funções de comando o sub-maioral, que é actualmente o Pimenta.

Felizmente êle sabe manter as tradições da casa, sem abuso da especiaridade do mesmo nome.

Causa-me verdadeira admiração, o respeito com que todos os pupilos tratam o seu companheiro armado em chefe — êles que estavam habituados à disciplina militar.

O Assistente pouco tempo se conserva no Lar, de modo que o Maioral tem tóda a responsabilidade na disciplina da casa. Ele é a autoridade máxima que consegue impôr-se porque primeiro se coloca no seu lugar.

Um exemplo.

Depois duma ausência de cinco dias, entrava eu em casa precisamente à hora dos avisos. Percebi, pelo andar da admoestação, que tinha havido algo de censurável. Dois dos mais novos tinham subido ao telhado, com prejuízo do senhorio.

Pois ouviram uma *teoria* mestra.

— «Rapazes, sou vosso companheiro. Vim da mesma casa que vós, sou mais novo que alguns de vós e por isso custa-me ter de dar uma repreensão e muito mais, ter de castigar. Esta palavra—castigo deve ser banida desta casa. Aqui não há guardas, cada um guarda-se a si mesmo. Estamos a preparar-nos para a vida em que cada qual viverá sobre si mesmo. Pois se agora nos não portamos como homens, que figura vamos fazer daqui a dois dias?...»

Os alvejados engoliram em silêncio.

Nenhum pedagogo teria mais autoridade, nem dizia melhor.

O matrimónio e o emprêgo fora da cidade são, geralmente, os motivos que levam os pupilos ao afastamento do Lar.

Em dois anos, cinco dêles constituíram legalmente a sua família, havendo já descendência em duas delas.

Outros prepararam-se para o nó decisivo. Neste ponto, dada a confiança com que os tratamos, o pupilo não guarda segredos. Mal nos sentámos à mesa, há dias, logo

Continua na 4.ª coluna desta página

meu testemunho

—Olha onde te vais meter...

Hás-de arrepender-te depressa!

Não sejas parvo, aquilo é malta do diabo!

Eram estes e muitos outros, os avisos e conselhos que ouvia constantemente, antes de me pôr ao serviço da *Obra da Rua*.

Conselhos de amigos, de prudência muito humana, mas demasiado comodistas para quem um dia se propôs servir e só servir.

Vim. Não me arrependi. Bendigo mesmo a hora em que tomei contacto com a tal malta do diabo.

Que o saibam quantos me chamam parvo. Que o saibam também quantos desejariam dar um passo idêntico, se não fôsse o papão do futuro. Contava com todos os sacrificios: ter de pedir sem ter jeito, de prègar sem ser orador, ter de mendigar, sem ter sido indigente. Contava com a má vontade dos incorrigíveis, a deserção dos insurrectos e a ingratição dos beneficiados.

Pois, redondamente me enganei. Palavras tão feias são desconhecidas nas nossas casas. Outras dificuldades que surgem, não são barreira intransponível, mas baliza de treino para vós mais altos.

Uma coisa porém, surgiu, com que eu não contava; a multidão, a imensa legião dos abandonados que pedem abrigo, sem que lho possamos dar.

E' o *ze-das-bolas*, terrível e esfarrapado, que vem invariavelmente ter comigo à estação: *siô padé leve-me pró Gaiato*. E como êle tantos outros... E' o chover de cartas e de pedidos, todos de *casos especiais*, onde não faltam as recomendações de preladados, de altos funcionários, de magistrados etc.

E' a súplica daquela mãe cadavérica que se levanta da cama do hospital: «tome conta do meu filho! Antes queria vê-lo morto que moicante das ruas»; ou daquela outra tuberculosa que mora no vão duma escada com cinco filhos e dois netos: «Padre, é o ultimo pedido duma moribunda; leve-me ao menos, um dos meus meninos».

Isto sim; isto é que despedaça o coração. Antes êle fôsse de pedra. E há dois anos que vivo neste martírio, na pequenina casa de Miranda, sem a mais leve esperança de ser atendido nas repetidas súplicas que tenho feito. Com vinte e cinco gaiatos, a casa estaria na sua lotação normal; com quarenta, ela é uma colmeia que reclama desdobramento. E bem no merece. Foi o berço da *Obra*; nos cinco anos da sua vida, tem uma bela folha de serviços que é bom não esquecer. Por outro lado, pela sua situação ao sol, pela beleza do panorama, pela salubridade do clima e fertilidade do terreno, está naturalmente indicada para ser a mãe duma «aldeia» pequenina e graciosa.

Eis que surge agora uma consoladora esperança.

Foi há dias ao anoitecer. Um carro parou ao fundo das escadas. Dois individuos chamam um gaiato que lhes sirva de guia.

—«Somos Engenheiros dos Serviços da Urbanização. Vimos da S.ª da Piedade onde esperavamos encontra-lo. Lá nos informaram que tinham terminado as colónias de férias. Examinamos as obras feitas e o estado da estrada. Vamos informar. Voltaremos aqui para saber do que precisamos.»

Confesso que, se não fôsse o meu orgulho, cairia em terra para beijar-lhes as mãos. Aquela noite já me não parecia tão escura. Sim, ilustres Senhores do Poder: E' bom que venham ver. Contamos convosco.

Continua na segunda página.

Notícias do Lar

o meu vizinho comunica expressivo.

— Padre, arranjei uma *cachopa*!

— Bravo! e ela tem juízo?

— Se o não tivesse, também a não queria.

— Bem, gosto disso. E quando é que vais deixar-nos para dar lugar a outro!

— Ai é que está o gato. A gente farta-se de *esfolar* e não há maneira de os patrões aumentarem a teca...

— E' preciso paciência. E vamos lá: já estiveste pior que agora.

— Também espero aumento para breve, senão escusava de pensar em casamento. Vamos agora trabalhar num altar para Fátima. — Ainda bem. Pois que N.ª Senhora te ajude.

A porta da casa fecha se inexoravelmente às 23 e 15. Os do último turno da Escola Comercial teem de apressar-se para chegarem a tempo.

Há dias o Pimenta veio ter com o Assistente em tom magoado: quer ver que o Maioral vai ficar hoje na rua... Vou fechar a porta.

— Não pode ser. Ele não faltava a um dever dêstes. Vá procurá-lo.

De facto o chefe tinha entrado sem que se fizesse notar e estava já, naquêle momento, a encerrar as contas do dia.

Nem todos os larápios estão na cadeia. Só está a prová-lo, o facto de o João ter ficado sem o seu rico relógio, na casa onde está empregado. Tinha tanta estima pelo seu cronómetro, que até queria poupar-lhe o trabalho do tic-tac noturno.

— Lá se foi o fruto dum mês de trabalho!... Pobre João! Até mete dó!

Não pode ser

Eu acredito sinceramente na boa intenção das pessoas, mas não posso dizer que sim.

E' o caso que certos simpatizantes da nossa obra me teem procurado, pedindo a minha intervenção em determinados negócios de onde resultaria grossa comissão para a casa.

Ora eu não sou negociante.

Lanço aqui o aviso e peço que me não procurem.

De como foi a venda do nosso conceituado

As notícias foram dadas pelo Oscar e Amadeu, os dois azes de Paço-de-Sousa que costumam ir ajudar os vedetos do Pôrto, na venda do jornal.

E' muito mais interessante escuta-los a todos, no local e a propósito da venda. E' como quem enche na fonte. Mas nem sempre é possível estar no Pôrto em dias de venda, e por isso, tenho que fazer fé pelas notícias dos dois. Venda traca, foi a primeira palavra do Amadeu.

Muita chuva, exclamou em seguida o Oscar.

E começam as notícias a sair de seus pequeninos peitos, como as cerejas dos cestos.

Soube que o Rodrigo gosta muito de vender em dias de chuva porque, confessa êle, o povo vê-me molhado e compra muito mais.

Soube que o Lisboa se molhara quatro vezes, na ansia de chegar aos cinquenta.

Soube que muitas vezes se levanta poeira dentro dos lectricos, por haver certos condutores que objectam na entrada dos rapazes, e muitos Senhores que protestam.

O Amadeu, na sua graciosa maneira de expôr, explica que o terror dos condutores, é um gajo de bigodinho!

Soube que o Fernando chateia os fregueses a dizer compre meu senhor que é o ultimo. E tem a bolsa cheia de jornais. Mais soube que o Rodrigo usa muito o ande que é para eu me ir embora.

Soube também que muitos Senhores e Senhoras mostram pena da proibição feita aos rapazes, de não aceitar guloseimas.

Gosto muito que sofram por isso, sinal certo de que respeitam as instruções.

Deve ser um ponto de alegria para todos os homens de boa-vontade, vêr e reconhecer de como é possível fazer homens de bem de pequeninos seres destinados às galés.

Eles trazem da rua três péssimas qualidades. Mentem, furtam, desobedecem.

Da prova que eles prestam ao mundo acerca do ultimo defeito, muito bem se infere do que eles são capazes quanto aos dois primeiros.

Beijo as mãos preciosas de todos quantos me ajudam a dar valor e brilho à poeira dos caminhos.

O Oscar queizou-se amargamente do Lisboa, o qual, valendo-se da sua habilidade de trepar aos eléctricos, rouba-lhe os melhores fregueses. Ora eu vejo nisto uma pontinha de deslialdade e reprovo.

Se, na verdade, possuímos algum especial talento, devemos pô-lo a render a favor da comunidade, se quizermos ser ricos.

O Amadeu Elvas, quer muito que eu peça licença para êles irem vender ao Rápido e acrescenta, com o seu costumado chiste... Quem vai para o Rápido tem! Pois tem sim senhor, ma' o ter não é sinal de dar. A esmola sai do coração; não das algibeiras.

Na cabeça do rol, temos de pôr o Amadeu com 341 jornais vendidos e 86\$00 a mais.

A seguir, vem o Oscar com 294 números e 32\$00 de sobras.

Vem agora o Avelino. O Avelino é um caso sério. O Avelino é um rival de temer. Que Amadeu e Oscar tenham muita cautelinha! E' esta a segunda vez que êle se apresenta em público, e em uma sortida que fez, vendeu 162 jornais e entregou 80\$00! O Amadeu Elvas parece não ter gostado nada de eu ter notado aqui tal êxito.

Encolheu os ombros e disse, despe-

Aos vinte e um de Outubro de mil novecentos e quarenta e cinco foi inaugurada na Sala de jantar da Casa do Gaiato das Ruas do Pôrto, com séde na Rua D. João IV, 682, a Conferência de S. Vicente de Paulo, com assistên-

cia do assistente auxiliar do Sr. Padre Américo e dos seguintes rapazes: Luciano Fernandes de Matos, Manuel Augusto Pinto, Júlio Carvalho Mendes, António Gonçalves da Silva Bastos, Carlos Alberto da Silva Freitas, Adriano Nunes Castanheira, Licínio dos Santos, Bernardino Brito Pereira, Fernando Marques e António da Silva Teles. Após uma pequena oração foi-nos explicado pelo Assistente Auxiliar como foram fundadas as conferências de S. Vicente de Paulo por estudantes de Paris, com o fim de socorrer os pobres nas suas casas. Falou-nos também de S. Bento José Labre que apesar de ser mendigo foi considerado santo pela Igreja por repartir as esmolas que lhe davam com os outros mendigos e por isso resolvemos escolher este Santo para patrono especial da nossa conferência que reunirá todos os domingos depois do almoço até nova resolução.

O Luciano declarou ter em seu poder 230\$00 que alguns senhores subscreveram no dia Vicentino realizado em Abril para ser o primeiro dinheiro que a nossa conferência distribuisse pelos pobres, e disse também que o Sr. Padre Américo tinha em poder dêle 100\$00 que para esta Conferência lhe entregara o Sr. Zé Ninguém de Lisboa.

Fez-se uma colecta do dinheiro e todos nós demos daquele que estamos autorizados a gastar e rendeu 17\$70.

Ficou a cargo do Bernardino, do Adriano e do Fernando, saberem a morada e o nome do ceguinho que já cá vem comer todos os dias ao meio dia; o Júlio e o Avelino ficaram de saber a morada dum pequenino muito aleijado que vemos todos os dias a pedir na Rua Firmeza, e eu fiquei encarregado de fazer a acta e nomeado Secretário da Conferência. Visto não haver mais nada a tratar foi encerrada a sessão.

O Secretário

António Teles (Ferreirinha)

O meu testemunho

Continuação da primeira página

Pela nossa parte, queremos trabalhar.

Sabemos trabalhar (que nos perdoem a presunção) só esperamos que nos forneçam os meios para isso — a bem da Nação. Temos uma casa que ficará para os pequeninos, precisamos de outra para os maiores, que andam já na casa dos 17 anos e trabalham no campo. Já não falo duma Escola e duma esplanada para recreio, porque são coisas imprescindíveis em qualquer casa de educação.

Conto já com invejas e ambições. A Casa do Gaiato é luz forte de mais para olhos doentes. Ele há olhos de toupeira que também a não suportam: se todos fossem da minha coragem, já há muito que a tinha assaltado — dizia uma carta anónima. Mas o mundo chega para todos, e, mal de nós, se não deixamos um cantinho dele para abrigo dos deserdados.

P.º ADRIANO.

tado calhou! O Avelino está matriculado e frequenta a Escola do commercio. E' o economo da casa do Pôrto e tem à sua conta, também, a administração do Gaiato.

O Rui continua a dar muita conta de si, vendeu 170 e trouxe 39\$00.

Ele era o rei das guloseimas: tomei sete cafésos, disse-me êle certo dia! Pois secou a fonte!

O Rodrigo muito fraquinho; 38 jornais e 20 de sobras. O António Ferreirinha, despachou 115 jornais e trouxe 35\$00 de sobras. Luciano veio com 42 jornais vendidos, 18\$00 de sobras e a roupa toda molhada.

Júlio vendeu 80 e 13\$00 a mais. Os outros vendedores foram Fernando, Licínio, Manuel, António de Cete, Bernardino e Carlos Alberto.

A vila de Paredes estava em casa e disse que sim, no dia em que lá foram com jornais o Oscar má-lo Amadeu: 60 números, esmolas, assinaturas.

Conferência Vicentina da Casa do Pôrto

ACTA N.º 1

Os nossos assinantes

De entre todos os nossos dominios do ultramar, vem a cidade da Beira com o maior numero de assinantes. As cartas que chegam a pedir o jornal o trazem sangue na guelra, como muitas outras do continente.

E' que também são portugueses. Gosto muito de saber que naquela terra se fala alto de Portugal.

Ela é a chave que serve na porta de dois colossos que ficam um nadinha atrás; e não outra chave! . . . Aqui vão nomes de mais senhores e senhoras que continuam a vir à desobriga. Alguns há que veem de chapéu na mão e a bater no peito; e tanto os obriga o jornal!

Amadeu Rezende Gomes de Almeida, Estoril, 50\$; Menino João Côrte Real Pereira, Leiria, 20\$; Ana Isabel Salgado, Amarante, 20\$; Baronesa de Fonte Bela, Ponta Delgada, 50\$; Maria Teixeira da Fonseca, Valbom, 25\$; Isolina Ferreira Querido, Valbom, 25\$; Rosa de Matos Santos Leite, 50\$; Secção da J. O. C., 50\$; P.º Manuel de Sousa Miguel, 30\$; P.º Caetano António Pacheco Andrade, 20\$; Rosalina de Sá Carvalho, 25\$; Dr. Manuel Rangel, 20\$; Alfredo Pinto dos Santos, 20\$; Menina Maria Virginia de Melo Moreira, 20\$; Dr. António Salvado, 50\$; Joaquim Lopes Pereira, 30\$; Alberto Dias Souto, 20\$; José Leite Rodrigues, 50\$; Fernanda Vanzeller, 50\$; Dr. Rolando Vanzeller, 50\$; António Pinto de Mesquita C. Magalhães, 20\$; Célia Maria dos Santos Carvalho, 20\$; Augusta de Jesus Costa Pinho, 20\$; Dr. Manuel de Araújo, 50\$; Alcindo Lopes Coelho, 20\$; Martiniano da Silva, 25\$; Maria Helena Nogueira, 25\$; Fernando Moreira Ribeiro, 20\$; Carlos Manuel Henriques, 50\$; Emídio de Moraes Gomes, 25\$; José Carneiro, 50\$; António Cochofel, 20\$; Aníbal Leopoldo de Magalhães, 100\$; Miguel José Fernandes, 50\$; — todos do Pôrto. Ana Maria Guerra Cordeiro, Bemposta do Douro, 20\$; Rosa Caetano Martins Pereira, Gondomar, 20\$; Maria José Pereira Garrido, Gondomar, 20\$; Dr. Diogo Pacheco de Amorim, Coimbra, 100\$; Dr. Paulo Merêa, Coimbra, 100\$; Maria da Piedade Azevedo, Cardigos, 50\$; José Carlos Rodrigues Coelho, Foz do Douro, 50\$; Karl Barlosch, Foz do Douro, 50\$; Flávio Resende, Parêde, 50\$; Coronel Carlos Passos, Parêde, 25\$; Modesto Rodrigues Maio, Póvoa de Varzim, 25\$; Dr. Abel da Silva Pereira, Póvoa de Varzim, 20\$; P.º Manuel Leão, Oliveira do Douro, 50\$; Rita Vasconcelos Vanzeller, Vila Nova de Gaia, 100\$; Nuno Coelho Menezes, Lobito, 50\$; Albano Moreira da Silva, Valadares, 100\$; Maria Erinha Sampaio, Régua, 20\$; Maria Emilia Pinto Antunes Mendes, Sertã, 12\$; Alfredo José de Mira, S. Mâncio, 50\$; Guilhermina Pinto Cardoso, Castendo, 30\$; Adélia de Moraes e Costa, Paredes, 50\$; M. de Portugal Branco, Lisboa, 50\$; Ccr. dos C.T.T. da Extremadura, Lisboa, 50\$; Felismina Prazeres da Silva, Miranda do Côrvo, 20\$; Dr. Francisco de Magalhães Ilharco, 50\$; Valentim de Carvalho, 100\$; José da Piedade Júnior, 40\$; Maria da Conceição Rosado Falcão, 20\$; Eng.º Eduardo da Fonseca, 25\$; Maria da Encarnação Buceta Martins, 20\$; Natividade Tavares de Jesus, 20\$; Empregados da Secção de Registos, 30\$; Hermano de Oliveira Ferreira, 20\$; Joaquim de Sousa, 70\$; Dr. Angelo Queiroz da Fonseca, 50\$; — todos de Lisboa.

José Pedro dos Santos, Figueiró dos Vinhos, 25\$; Arcipreste de Figueiró dos Vinhos, 50\$; José de Matos Tavares, S. José das Matas, 25\$.

Crónica da nossa Aldeia

Não é feita pelo Zé Eduardo como do costume. Nem teremos tão cêdo crónica, pois que o rapaz encontra-se actualmente suspenso das importantes e laboriosas ocupações que tinha. Se êste rapaz fôsse deixado a si mesmo, nas ruas do Pôrto, como andava antes de ser nosso, viria a ser o terrôr da cidade. Assim como também seria um monstrosinho, se fôsse o menino rico que faz e exige tudo quanto lhe apetece.

Pois o nosso Zé Eduardo foi solenemente rapado pelo Periquito. Tem um relógio de pulso, prenda de anos, que não se sabe quando, nem se o estriará. Da mesma sorte se não pode dizer quando é que êle estará ápto a frequentar a escola comercial de noite e a segurar o emprêgo de dia. Tudo isto são casos duvidosos. Por agora o que se sabe de certeza é que Zé Eduardo acaba de passar para a turma dos trabalhadores do campo e anda a acarretar gigos de estêrco à cabeça, das côrtes do gado para as nossas sementeiras. Ora aqui está.

Visitantes

Cada vez estou mais contente com os senhores visitantes. Pedem muitas explicações e à saída explicam-se muito bem... Até relógios de ouro!

Nós temos três cicerones em função, mas se fôr preciso nomeiam-se mais.

E agora que falamos em cicerones, tenho de acusar um dêles, o Zé Eduardo, o qual já apanhou muitas vezes com a colher de pau num sítio, porque não faz caso dos visitantes quando êles chegam em horas de recreio.

Visado pela Comissão de Censura

NOTÍCIAS DA CASA DE MIRANDA

POR CARLOS ALBERTO FONTES

ACTA N.º 64

NO dia quinze de Outubro de 1945 reuniram-se os meninos da Conferência de S. Vicente de Paulo da Casa do Gaiato. Lêmos no livro do Pão dos Pobres um capítulo que nos dizia isto: Os chamados grandes das Nações vieram para matar. O único refúgio é justamente aquê que ninguém procura e que todos escorraçam — Jesus Cristo.

Abriga-te no Evangelho: Eu vim para salvar, disse o Mestre.

Fomos visitar os nossos pobres e levamos um quilo de batatas a cada um. O pobrezinho das Miãs disse que precisava de mais pomadas. O do Vale-Salgueiro estava muito mal nem podia falar. Pediu-nos para dizermos ao Sr. P.º Adriano para o ir confessar. Foram no dia seguinte três meninos da Conferência acompanhar Nosso Senhor.

Já entrou mais um menino para a conferência. E' o Pedro. Safu o João Carlos Freitas que foi para o Seminário. Ficaram encarregados do Vale-Salgueiro o João e o Figueira; da Estação o Joaquim e o Manuel; do Carapinhal o Vieira e o Albino; e das Miãs o Sérgio e o Zé-Maria. No fim da Conferência o tesoureiro fez a colecta que rendeu 55\$40 incluindo 20\$00 que nos mandaram de Matozinhos e as cotas dos Subscritores.

P. S.—Morreu já o nosso pobrezinho do Vale-Salgueiro. Fôram três confrades ao entêro dêle e muita gente. Uma das últimas coisas que perguntou foi se o Sr. Padre Américo estava melhor.

E' a primeira vez que faço estas notícias e por isso peço aos leitores do Gaiato que desculpem os meus erros. Nos primeiros passos da minha vida o meu pai separou-se da minha mãe e eu vivia com a minha avó a quem fazia arrelhar muito. Andava-lhe sempre a tirar milho e ia deitá-lo pelo rio abaixo e outras vezes ia trocá-lo por botões. A's vezes para a arrelhar quando ela andava a trabalhar num prazo, eu fingia que tinha ido tirar boroa agarrava numa *corcódia* e fazia que a metia á bôca. E ela não era por eu lhe ir á boroa que ela se zangava, mas por eu lhe escodear a boroa tôda. Mais tarde a minha mãe mandou-me ir para Lisboa, mas como ela estava a servir, não me podia lá ter e pôs-me em casa duma família a pagar por mês para lá terem.

Mas essa família não quis saber de mim. O que êles queriam era o dinheiro ao fim do mês.

Certo dia foram para fora da cidade apanhar azeitona e deixaram-me num pátio que tinha duas portas mas ambas estavam fechadas. Choveu tôda a tarde eu não tinha aonde me recolher senão numa capoeira de galinhas, mas até lá chovia. Nisto passaram dois aviões e como eu tinha muito mêdo comecei a chorar. Dois guardas bateram á porta, como estava fechada, foram por uma janela do pátio e trouxeram-me cá para fóra, levaram-me á pensão e deram-me de comer e levaram-me para a Quinta de Benfca aonde se encontrava a minha mãe. Teve-me por algum tempo na companhia dela. Por fim levou-me para Condeixa. Meu pai passou por lá e levou-me para a Figueira da

Foz aonde não parava em emprêgo nenhum. Uma senhora pediu ao Sr. P.º Américo para me levar para a Casa do Gaiato. Fugi pouco depois mas arrependi-me daí a uns dias. Pedi perdão ao Sr. Padre Américo por ter fugido.

Um dia pedi para me deixarem entrar para a conferência. Agora que foi embora o João Carlos, fiquei no lugar dêle escrevendo as actas da nossa Conferência e as crónicas do «Gaiato».

AS nossas oliveiras êste ano mostram ter muita azeitona. Por enquanto andam os mais pequenos e apanhar a que está caída e daqui a pouco tempo será colhida. Já apanharam uns dois ou três sacos dela.

Crónica da Casa do Pôrto

Retomamos hoje o relato dos pequenos casos sucedidos na sucursal do Pôrto e ficam os leitores prevenidos de que esta crónica é sempre feita por tôda a *malta* do Pôrto. Todos ditam — e um escreve.

Apesar de termos assinatura numa agência de limpa-chaminés, há tempos tivemos incêndio na chaminé da cozinha. A senhora deu o alarme, chamando o chefe que já tinha vindo da oficina. Foi a nossa sorte, porque êle resolveu não chamar os bombeiros e, auxiliado pelos que estavam em casa e acompanhado pelo Carlos Alberto subiu ao telhado e com baldes de água substituiu os bombeiros, deixando a vizinhança admirada com a sua resolução.

Começaram as aulas. O Avelino frequenta o 1.º ano da Escola Commercial de Mousinho da Silveira, de manhã, e de tarde desempenha as funções de ecónomo e secretário da Casa. A mesma Escola é frequentada pelo Júlio e pelo Ferreirinha (2.º ano noturno) e ainda pelo Bernardino e Fernando (1.º ano noturno).

Na Escola Industrial Infante D. Henrique estão o Manuel Despacho (curso de tipografia) e o Carlos Alberto, (serralharia mecânica).

Todos os outros rapazes frequentam a escola primária noturna aqui em Casa.

O Poupá está morto por ser homem para pôr gravata. Há dias apareceu-nos na sua função de tôdas as manhãs a despejar (não podemos dizer o quê, porque nenhum de nós se lembra de palavra decente para pôr aqui)... e com uma gravata tôda tirone. Mas como o trabalho que êle tem já chega, o Poupá de dia esconde-se debaixo das camas a ver se descobre o preguiçoso e pouco limpo que, de dia, se serve dos tais *objectos*, aumentando-lhe o trabalho. E' que êle sabe que o castigo para o tal pre-

FORAM os gaiatos á Figueira como o costume. Venderam bastantes jornais mas como estava a chover não puderam vender mais. Foi com êles o nosso cozinheiro, o *velha*. Já há muito tempo que não saía de cá e para prémio foi dar um bom passeio.

PASSOU por cá o automóvel que nos deram na Covilhã. E' da côr de café com leite e parece trabalhar muito bem. O Vieira é que teve sorte porque foi nêle dar um passeio até ao Pôrto e é provável que fique lá.

OS gaiatos de Miranda ficaram muito contentes porque o Sr.

Padre Adriano disse que ia arranjar uma bicicleta para nós andarmos nela pagando cada um o aluguer com as senhas do nosso bom comportamento.

O Barrigana é muito amigo das ovelhas. Quando as chama, correm tôdas para êle porque lhes dá a boroa da merenda. Quando êle quiere, faz barrenda cada uma por sua vez. Conhece-as tôdas pela voz. Pôs o nome a cada uma delas: uma é a rainha, outra é a manhosa, outra é a boneca etc. O carneiro é que está cada vez mais bravo. Arrebenta com os currais todos e por isso tem que estar prêso com uma corrente.

CHEGARAM mais dois meninos: é o *Soldado desconhecido* e o *pá-sá-ti*. Um é de Oliveira do Hospital outro é da Figueira da Foz.

Chamam *desconhecido* porque quando cá chegou não sabia dizer de onde era nem o nome dos pais.

O outro tem aquê nome porque não é capaz de dizer o *C*. Quando joga á bola em vez de dizer passa aqui, diz passa-a-ti. E o encarregado das capoeiras tem-nas sempre muito limpas. A's vezes vem triste porque diz que as galinhas *tagam* tudo.

OS gaiatos cá da casa da Miranda andam muito contentes por o Sr. Padre Américo fazer amanhã anos. Gostavam muito de o ver cá para lhe darem os parabens. Fazem votos para que êle viva muito tempo na obra para tirar da miséria muitas crianças abandonadas.

Glória ao cisco das Ruas

Fechamos hoje o número de cem. Cem rapazes habitam hoje a nossa Aldeia. Não é aqui, naturalmente, que vem o espanto nem a glória. Outras obras semelhantes, abrigam muitos mais.

O assombro vem de que existem apenas duas senhoras a dirigir a malta, e a glória reside no facto de ser a própria malta a executar os trabalhos.

Isto não se acredita, é preciso ver-se. Ver um dia de trabalho na nossa Aldeia. Ver o zêlo, o interesse, o amor às coisas.

Ver os miudos empoleirados nos moveis, de braços muito esticados, para chegar ao que precisam. Eles fazem absolutamente tudo, até mesmo é da conta dêles cuidar dos mais pequeninos.

Glória ao cisco das Ruas!

O ORGÃO

Peço mui encarecidamente aos senhores e às senhoras de boa vontade e de meios, que se não demorem em suas resoluções. No fim do ano contamos proceder á benção da capela. Há necessidade de ensaios prévios. Tudo isto são títulos para andar depressa.

guiçoso será substituí-lo naquele trabalho de tôdas as manhãs.

O Fernando andava a pedir á senhora para trazer a comer cá um ceguinho que encontra sempre no caminho quando vem jantar. E' claro que foi autorizado e no dia seguinte como não fôsse encontrado o tal ceguinho o Rui foi á Rua Firmeza e trouxe o primeiro cego que encontrou, mas o Poupá—que é fino!—não queria dar-lhe de comer... porque êle tinha os olhos abertos. Mas comeu. Sopa e feijão frade. Agora já vem o protegido do Fernando e às vezes o dos olhos abertos. Sentam-se numa cadeira no quintal e o Rui e o Poupá, de pé, seguram nos pratos enquanto êles comem.

Isto é segredo e pedimos aos leitores que não digam nada a ninguém. Mas é verdade: o Sr. Padre Américo fez anos. Nós mandamos-lhe um ramo de cravos e o nosso retrato em grupo numa moldura dourada. A despêsa dessas coisas e da viagem do Avelino que foi a Paço de Sousa por nós, foi paga pelos rapazes que já ganham e que teem licença de gastar algumas coroas por semana. A carta que lhe escrevemos não vem para aqui. São segredos de família. Além disso cada um rezou pelo Sr. Padre Américo e á noite houve dôce, vinho Ferreirinha e brindes.

Recebemos um aparador para sala de jantar, uma cama, 10\$00 duma visita, 2\$50 na caixa do correio, revistas e roupas do Espelho da Moda, 20\$00 doutra visita... e mais nada.

Faltam cá muitos guarda-chuvas e gabardines ou sobretudos, de preferência usados, para os rapazes que vão às escolas e às oficinas e que teem chegado a casa como pintos.

O leitor deve entender-nos...
Todos—Nós.

NOTÍCIAS DIVERsas

NÃO sei quem é que nos manda «A BOLA». Não é todos os dias, mas sim com muita regularidade. O pequenino que vai ao correio entrega-me o maço de cartas, planta-se a distância e diz «A BOLA!» Eu já sei o que ele quer. Ele fica em ar de continência. Espera que eu passe as cartas até chegar à «A BOLA». Nas horas do recreio, o jornal é o assunto que marca.

O Amadeu de Elvas, por ser o mais ávido desta sorte de notícias, vai pelo jornal onde ele estiver, aproveita os intervalos de nos servir à «A BOLA». Nas horas do recreio, o jornal é o assunto que marca.

—O' Elvas, vai buscar à cozinha.
—Estou aqui; é «A BOLA».

Este garoto adorável é um nadinha irreverente na sua maneira de nos servir. Enquanto vai à cozinha e vice versa, não há diabruras que ele não faça. Há dias, o Mondim trouxe do Pôrto um avião para um dos nossos mais pequeninos. O Elvas resolveu andar nesse dia de avião; enquanto nos servia à mesa ou ia à cozinha pelas coisas, levava consigo o brinquedo a roncar como os aviões.

A nossa alma é por natureza transparente, mas nem sempre transparece. Tudo quanto não fôr simples na vida destas crianças, ofusca.

TODOS os domingos costuma vir uma mulher do lugar tomar conta da cozinha para dar folga aos nossos cozinheiros. No domingo passado eu estava em casa, vi e escutei. Chegou a hora da merenda e todos vieram para ela. Era boroa. Aos domingos não costuma haver presépio porque também não há trabalho. Os nossos pequenos amam e aceitam a justiça. Como ia, pois, dizendo, formaram todos na bicha, inclusivé os que tomam leite. Estes, munidos de tigela e respectiva colher, onde fizeram migalhas da boroa que lhes serviram, à espera do ansiado leite. Mas não havia leite para eles. A cozinheira não sabia os nossos costumes. Não estava preparada. O gróssio da malta, arreliá impiedosamente os pequeninos:—*Querias leite? Ora toma lá!* E faziam-lhe um grande nariz com os cinco dedos da mão.

Os pequeninos do leite, tristes e humilhados, sem uma lágrima, sem um protesto, iam retirando do fundo das malgas com o bico da colher, resignadamente, as migalhas que haviam feito e comiam-nas sêcas, sem esperanças de mais nada. Eles veem de um mundo, onde o não há lhes era palavra corrente. Mesmo dentro dos casebres, se alguns o tinham, ouviam muitas vezes dos lábios de suas mães:—*Olha, filho, não há.* Esta palavra simplesmente terrível, dita por mães piedosas a filhos esfaimados, dentro de casebres sem luz; esta verdade que se atema em não ouvir nem conhecer, constitue a maior desgraça dos nossos tempos.

Pois os nossos pequeninos ali estavam sentados em desalinho, a mastigar o pão sêco, tristes, sim, mas não desesperados. Nisto, há um lampejo de decisão num dos mais velhos. Toma a leiteira de fôlha, vai à corte das vacas, munge. Os companheirinhos adivinham e agora, com as colheres a bater nas malgas de contentes, esperam todos fora da porta. Daí a nada sai o Gari da corte com nuvens de espuma branca a transbordar:—*Deixa cá vér;* e vai enchendo uma por uma, as malgas das pacientes crianças. *Ai que quinho!* exclamavam! Eu estava exultei. E tu, leitor querido, que tens coração, exultas agora.

Claro está seria muito mais higiênico, muito mais educativo, muito mais consentâneo com as actuais modalidades de assistência, se os pequeninos em questão houvessem sido servidos a horas exactas por *nurses* encartadas, sobre mesas preciosas, por taças irrepreensíveis, tudo estilo moderno. Seria sim. Nós também assim fariamos se tivéssemos pessoal adequado e muito com que lhes falar no fim de cada mês. Eu não sou nada contra as modalidades da assistência, o que não tenho é dinheiro para a sustentar. Temos de nos servir com a prata da casa: a tigela de barro, a colher de pau, a pedra nua por assento, a camisa domingueira por bibe, o Gari por mãe, e eu por educador.

AS nossas casas têm cachorros de pedra à janela. Agora, que elas estão habitadas, não quis propositadamente colocar ali vasos de plantas, à espera que a inspiração viesse de algum dos seus habitantes. Veio. Descia eu a avenida, quando topei dois pequeninos de mãos ocupadas com vasos de terra. Perguntei. Soube que eram ordens do Rio Tinto. E agora, se vieses à nossa aldeia, repara nos cachorros da casa número dois. Não são dos vasos mais belos nem das plantas mais formosas, nem isso importa. São, sim, a inspiração directa de um dos nossos rapazes. E' o amor que eles têm às suas casas, e aqui é que está.

ENTROU em um café na praia de Espinho, para vender jornais, um dos nossos semiadores. —*Tira pra lá isso rapaz. O P.º Américo anda a fazer palácios para os pobres.*

Não comprou jornal e o pequenino vendedor disse-me que, de todas as outras mesas, olhavam e ouviam com espanto a fervura que ia numa discussão que nesta se armara entre o senhor dos palácios e outros circunstantes. Não soube dizer o pequenino o que é que se afirmava ou negava, somente notou que discutiam.

Discutir é próprio dos homens. Eu também discuto para dizer aqui, que se não pode chamar palácio a uma casa aonde só entraram, como materiais de construção, telha da Pampilhosa, cal de Penacova, pedra da nossa quinta, madeiras da terra, pregos das Antas, cimento da Liz e nada mais. Se o arquitecto soube tirar beleza de materiais tam comesinhos, honra lhe seja feita. Não importamos nada do estrangeiro. Não fomos às fábricas nacionais, de nomiada, buscar artefactos. Mármore, bronzes, torniados, estilo, esplendor,—tudo isso de que os palácios são feitos, não entrou nem aparece nas nossas casas humildes. Mais. Uma família do Pôrto, possui uma casinha de campo perto da nossa aldeia. Sem me conhecer, só por que eu mandei pedir e por sua extrema bondade, disse-me que sim. Mandou a chave e que *tudo estava à minha disposição.* Ora muito bem. Dois dos nossos pequeninos, foram por mim escolhidos para viverem ali comigo. Um trata dos serviços da parte de manhã. Outro, da parte de tarde e desta sorte, sem deixarem suas obrigações, não deixam a escola. Entramos os três em uma tarde de Outubro, e agora é que vem um argumento que deita por terra os palácios. Entramos, digo. Escolhi o meu quarto, e indiquei a cada um o seu. *Ai! nós não podemos ficar aqui; isto é luxo para nós!* E' a voz, de uma criança. E' um reparo saído do coração. Se eles viessem de habitar um palácio, como

quer o senhor de Espinho, não estranhavam quartos um nadinha luxuosos.

O mundo ralha de tudo. Este senhor, tam pressuroso em falar da nossa aldeia, sem sair de onde estava podia também ralar da magnificência do café Palace, do Casino Monumental; e bastaria atravessar duas ruas para falar também da Piscina, do alto da qual se loriga a irmã da Granja. Podia falar, ainda, das somas enormes que se dispendem e da facilidade com que o capital aparece, quando se trata de levantar obras para embriegar a chamada alta sociedade. Podia sim. Mas talvez ele seja de opinião que estas obras são necessárias porque os tempos assim as pedem,—e as outras, não. Já que falamos em piscinas; eu talvez me engane e quem dera assim, mas se eu fosse amanhã ao Pôrto pedir aos que deram fundos para a de Espinho, o favor de uma piscina para a nossa aldeia, feita de simples granito, tendo o céu por cobertura e as estrélas por luz; se eu fosse ali pedir esta esmola para lavar a alma e o corpo destes que são os nossos filhos porque não têm pais, é possível que eu ouvisse da própria boca dos mais interessados naquela, o pouco ou nenhum interesse por esta: *O quê! Essa gente é da lama. Convém que viva na lama e que morra na lama!*

Não querem a aproximação. Assim aconteceu com o rico da parábola do Evangelho, o qual se vestia de púrpura e todos os dias se banqueteava. Sabendo que um pobre estava à sua porta a pedir, disse-lhe que ele era pobre, que nascera para pobre e havia de morrer pobre. E morreu. Morreram ambos. O pobre, teve lugar no seio de Abraão e o rico, foi sepultado no inferno! Senhor de infinita justiça; juiz justo da minha hora derradeira; Missionário do Padre Eterno. Ninguém jámais disse no mundo, ao povo que nelle vive, uma verdade tam terrível que guarda dentro de si a sanção eterna das injustiças do mundo. Eu acredito nela e nesse espirito a prego no jornal mais terrível que portugueses podem ler: —«O Gaiato».

ERA meio-dia. Iamos para a mesa. Assôma um garoto de saca na mão.

- Aqui é que é a Casa do Gaiato?
- E'.
- Está cá o Snr. P.º Américo?
- Que lhe queres?
- Quero falar com êle.
- Fala.

E o rapazito começa a contar-me tudo. Saíra dum asilo aos catorze. Encontrou-se sozinho no mundo. Pediu esmola. Conheceu terras.

—O' rapaz quem te mandou para aqui?

Ele mete as mãos à algibeira, saca de um papel e exclama, glorioso: *Aqui vem tudo.* Olhei. Era o «Gaiato». O nosso gaiato. O teu gaiato. O' jornal abençoado, jóia de Portugal que se não fôras meu, havia de te adorar!

Cristo Jesus definiu a missão dos apóstolos ao trocar a profissão que Pedro tinha pela nova que lhe deu: *ju não pescas mais pelxes; de hoje em diante pescarás almas.* O pequenino gaiato é um pequenino apóstolo! *Aqui diz tudo.* E também disse a esta criança o caminho da sua casa. Pescador de almas!

NA falta do João da Murtosa, por doença, entrou de fachina às capoeiras o Filipe do Seixal. Todos os dias, ao romper do sol, vai o pequenino às capoeiras com um prato de milho na mão e trá-las para o galinheiro, em grande procição; êle à trente *pi pi pi*. Elas atrás, *có có có*. A's vezes, acontece haver algumas que fogem da forma, à procura de biscatos, e o pequenino pára, chama, ralha, até elas obedecerem. A seguir e depois de fechar devidamente a porta do galinheiro, vai o Filipe conduzir os patos a um dos nossos lagos. Leva consigo um tabuleiro de couves que ontem migou com farelo. Faz que os patos entrem no lago. Das margens, impele o tabuleiro por sobre o espelho da água e fica êle mesmo a falar aos patos, com uma vara na mão: *anda; come que fui eu que fiz!* Agora, é chegada a hora do almoço do Filipe e Filipe almoça. Novas gamelas de couves são transportadas por êle para o galinheiro. Ali há mais demonstrações. As galinhas são mais hilariantes, mais faladeiras e Filipe fala, sente-se mais feliz. Dispõe-nas e enquanto comem, vai Filipe dar volta aos ninheiros em cata de ovos. Das janelas, ouve-se, num crescente de delirio: *um, quatro, seis, nove, catorze,—olha catorze!* Filipe saca a blusa, faz das mangas um sacco, mete lá os ovos e entra na cozinha a estoirar de contente.

Leitor amigo. Se tu soubesses o que foi a história do Filipe, mais havias de apreciar esta história.

Pão dos Pobres

E' um livro do Padre Américo, que já vai no 3.º volume, alguns dos quais em 2.ª edição. Nêle se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como êle se lamenta.

Aquire hoje o livro. Onde-se nas Bibliotecas do País.

FÉRIAS

Antes de tomar o retiro que ora tenho, tentei fazê-lo na mata da nossa aldeia, de balde: Tudo ia ali bater. As crianças não entendem nada de dores de cabeça, nem respeitam quem as sofre.

Aqui encontro-me bem. Somos três, um que faz o caldo e outro que trata da casa, tudo combinado de tal sorte, que nenhum dêles perca a escola. Vivemos dias gloriosos à roda do nosso lume. Temos por hospede um pobre para abençoar o meu descanço. Gosto muito da benção dos pobres. Ele vem ao meio dia comer do nosso jantar. E' octogenário. E' o pobre mais pobre desta freguesia.

Quando tomei conta há dois anos, da obra que hoje se chama a al-

deia dos rapazes, antes que chegassem da casa de Miranda os primeiros três, tive eu o cuidado de fazer sentar à nossa mesa, um pobre o qual tem sido e todos esperamos que continua a ser, o marco da Casa do Gaiato. A sociedade costuma vêr no pobre um fardo, quando êle é, na verdade, uma alavanca. Gosto da benção dos pobres, digo. Sinto o bem que me fazem. Ditosos olhos que sabem vêr na pessoa do pobre que passa, o próprio Jesus de Nazaré!

Entre todos os homens que por necessidade fazem férias, nenhum no mundo é mais feliz do que o autor destas regras, que as escreve para ti. E esta felicidade interior procede justamente da presença do

hospede. Ninguém merece tal honra como esta que eu disfruto! Sentamo-nos todos à mesma mesa, o velhinho, os rapazes, mais eu. Ele é um pregador de verdades eternas. Escuta: *Nós somos todos duma mesma arvore. Deus ensina que somos todos irmãos. Os ricos deviam-nos dar das suas sobras.* Jesus Cristo ensinava assim, naquele tempo!

Parece que a bomba atômica se prepara para destruir a humanidade. Se fizermos bem as contas e soubermos meditar, observamos que primeiramente destruíram os homens dentro de si mesmos a responsabilidade do nome que teem e da missão que lhes incumbe. Aqui é que está.

Redacção, Vales
Os m
Man Galveia galhães: cisco Maria Venda dos F Adão d Agostir 30\$, I Rainha Almeida Maria temor- Minha Olimp Pereira — todos nandes Palmeira, F rilho, A. Ma Belmir (2 me preste Fontes gínia meis, E de- A Escola Santo Abom Antóni Minha feres Ennes Júlia Belas, redo, I Campo Mário Adão Marga e Silv Casim Josefi reira, Regad Garcia dite M 50\$, Esteve lia A Maria Antón Auréli Azem Carva Argu drade de R Dr. A Lagar ques Aida rães,